

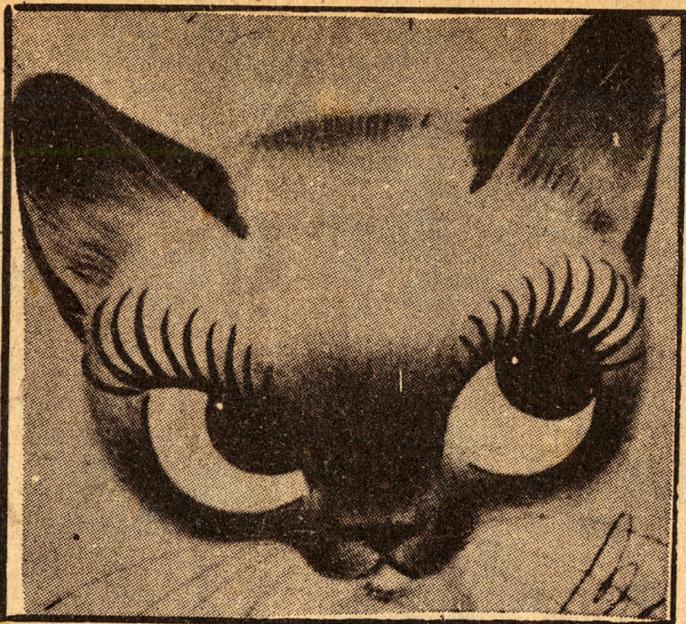
DIÁRIO JORNAL

- N.º 19 - 18 DE NOVEMBRO 1947

1
ESC.



SÃO
QUENTES
E
BOAS



ESTE GATINHO E' OFERECIDO EXCLUSIVAMENTE A'S NOSSAS SIMPÁTICAS LEITORAS CUJOS PAPÁS ANTIPÁTICOS AS PROIBEM DE LER OS LIVROS DE EMÍLIO ZOLÁ. COMO NA NOSSA REDACÇÃO NÃO HAVIAM CÃES... SOMOS OBRIGADOS A OFERECER UM BICHANO...

PRECISAMOS...

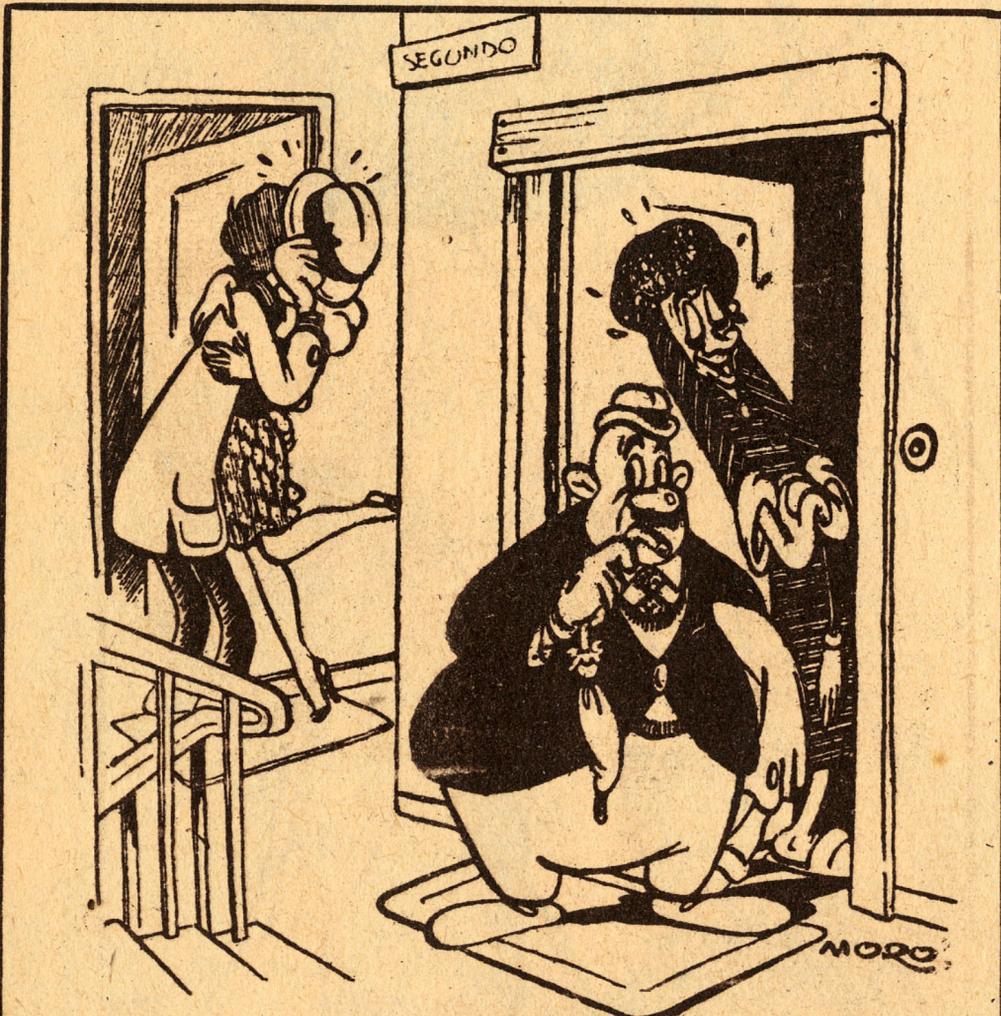
...dum correspondente em Filadélfia, que seja da orquestra e que saiba tocar ferrinhos.

...de 500 contos ao juro de 80% (prazo de pagamento, 348 anos.

...dum sobretudo novo, umas galochas, um chapéu de chuva, e uns sapatinhos... já agora! (aceitam-se donativos para os nossos pobres... redactores).

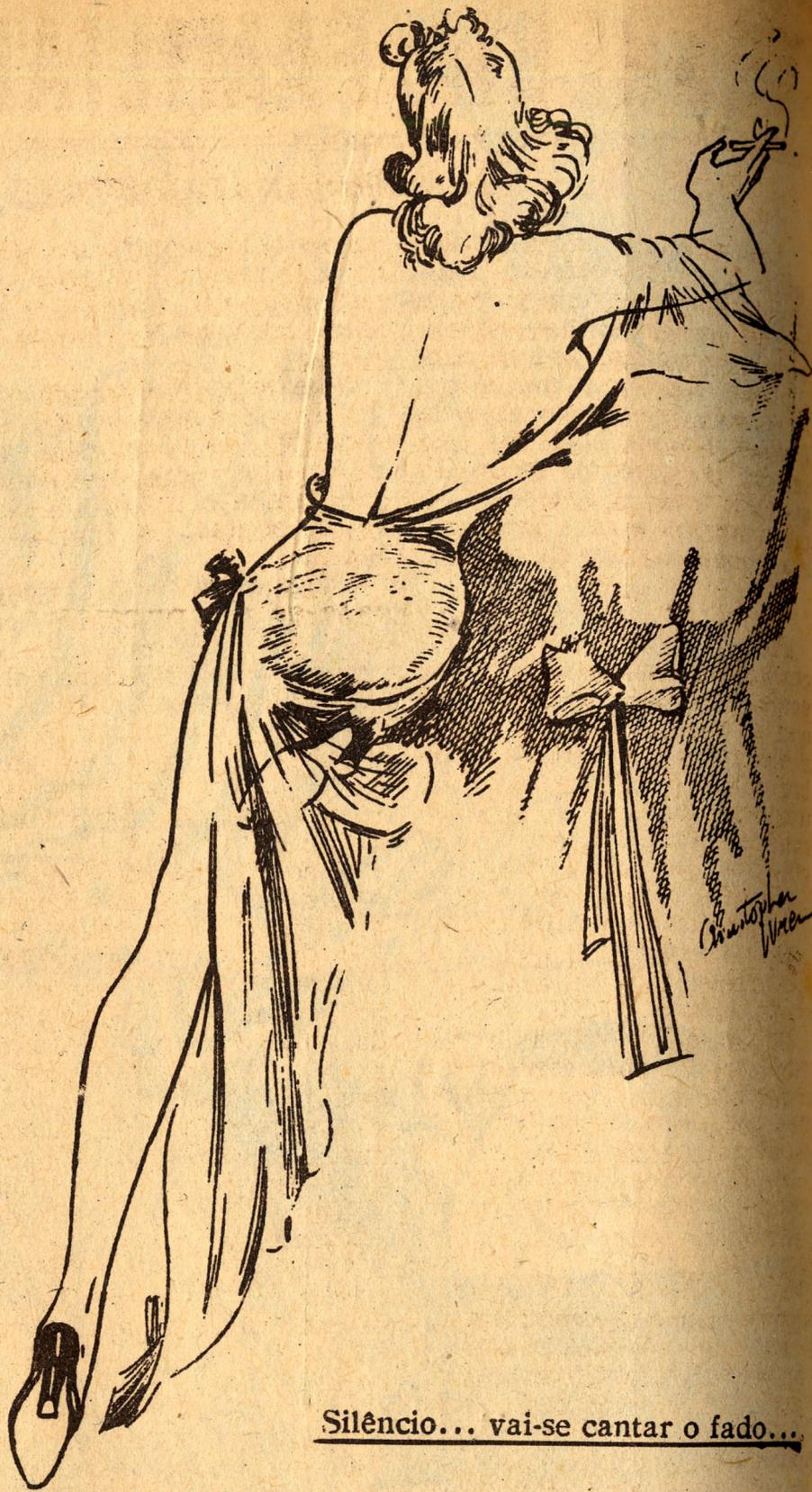
...dum empregado para a nossa redacção, que fale todas as línguas, que saiba contabilidade e filosofia; dactilografia, estenografia e sobretudo que saiba assobiar. Ordenado 50\$00 mensais e almoço pago... pelo mesmo.

...dum relógio que regule bem porque o nosso anda muito avariado, ou melhor, anda muito pregado...



Ela: — Vê como o senhor Garcia se despede da sua esposa!... Porque não fazes tu o mesmo?

Ele: — Porque temo que não pareça bem ao senhor Garcia!



Silêncio... vai-se cantar o fado...

• DOIDICES •

— V. Ex.^a deseja com elas ou sem elas?

— Como?

— Sim, se deseja as botas com solas ou sem solas!

— Quanto custa com elas?

— Com elas são quinhentos escudos; sem elas são duzentos!

— E sem cano?

— Ficam por 100!

— Então, faça-as sem solas e sem cano!... Mas isso que fique bem feito... e para durar!

— Esteja descansado! Duram enquanto V. Ex.^a tiver pé!

— Eu também não me atre-

vo a ir muito para o largo! Tenho medo de morrer afogado!

— Ora, muito bom dia! Já estão prontos os meus sapatos?

— Olhe, falta só por a sola... os pregos já estão prontos... é questão de esperar um pouco!

— Esperarei! Este cavalheiro também espera?

— Não, não... é só tirar as medidas... Deseja colete?

— E' escusado!... Mas que sobeje um pouco de pelica!

— Fique descansado. Chegará para uns calções de seu filho!

DON TARA



TRAGÉDIA FAMILIAR

Por HENRIQUE ATAÍDE DIAS

Arturinho era o enlevo dos pais. Caracóis loiros, olhos azuis, boquinha rubra, côr de limão, narizinho arrebitado, tudo isso ele herdara da mãe. Do pai, ficou com uns lenços de assoar, que lhe serviam de fraldas e uma boquilha que serviu de tubo de irrigação quando teve a enterite. Do prior herdou a cara de abade e a coroa no alto da cabeça.

* * *

Fifi e Saturnino, assim se chamavam, conheceram-se na praia. Ela tinha umas pernas que pareciam uns presuntos e ele gostava muito de fiambre. Candidatou-se, ela aceitou, apaixonaram-se e casaram-se. Ela 20 anos, ele 24; volvidos que eram 10 anos, estava ela com 24, ele com 40 e o rebento quási atingia os 2.

Como Saturnino era completamente surdo, atendia reclamações da Carris.

No dia do seu 10.º aniversário de casamento, resolveram comemorar a triste ocorrência, indo ao cinema; consigo levaram o Arturinho.

Escolheram, tornaram a escolher; «este é muito caro», — aquele é muito longe — Vamos ver TARZAN E OS HOMENS MINHOCAS, o último da série famosa. Fifi levava o seu «tailleur» cinzento, feito do fato de passeio do marido, umas meias de vidro com tanta cozedura e malha apanhada que mais pareciam de vidraça, uma pintura nojenta na fachada e um farnel — pão, uma réstea de alhos e 2 garrafinhas: uma cheia de tinto, para o marido; e outra de branco para a criança, coitadinha. Ele levava o fato preto com um cheiro horrível a gasolina, uma gravata enfeitada da traça, sapatos de pele de boi e o abade, isto é, o filho do Sôr p..., que machada, o miúdo ao colo.

Chegaram uma hora antes do início. Velhos, velhas, moços, moças, começam a chegar. Toca a música: Ilhas Canárias, o Cochicho, Rapsódia Hungara, Marcha de Lisboa, começa o filme, começa a criança a chorar. Ao fim de meia-hora o berreiro era de ensurdecer, mas o pai era surdo e a mãe estava já habituada àquele barulho, de forma que a sirene continuou.

De repente, uma voz sobre-põe-se ao grito de Tarzan e do miúdo: «Dê-m um rebuçado à criança». Logo 50, 100, 200 vozes: «Aqui está está. tomem lá». Fifi enche a carteira de rebuçados e meteu um de limão na boca do Tú-tú, mas como o infeliz só gostava de hortelã pimenta,

cuspiu-o logo para a careca do sr. Saraiva, que gritou logo: «Socorro, tenho um homem minhoca na minha careca».

O berreiro não parava e no fim de outra meia-hora de expectativa, ouve-se outra voz: «Dê-m-lhe uma chupeta». Imediatamente choveram chupetas, pontas de charuto e beatas.

Chega o intervalo. O miúdo cala-se e o público olha com ódio a criança; e o Saturnino, que não tinha culpa absolutamente de nada, faz festas ao filho que lhe diz ternamente. «Papá». O Figueiredo do talho que conhecia o casal, comenta: «Tão novinho e já mentiroso».

Depois de dizer «papá» o miúdo faz um xi-xi e o Saraiva que estava em frente fica com um fio de água a correr-lhe aos pés. Dois garotos da geral gritam logo: «O sôr guarda, olhe o careca a entornar o chá». O Saraiva levanta-se muito corado e balbucia muito engasgado: «Não fui eu, compreendem, deve ter sido o miúdo». — «Foi você, foi você, deixe lá o inocente, prenda-o sôr guarda».

Felizmente para o Saraiva, começava o filme, mas imediatamente recomeça o berreiro.

A principio ninguém presta atenção, mas o filme torna-se empolgante, o público emocionada, Tarzan está coberto de minhocas, o miúdo cada vez grita mais alto, o público interessadíssimo... alguém mais nervoso grita: «A mãe que lhe dê o peito...» grita a multidão.

Uma senhora patriótica, oferece: «se a mãe não tem peito, aqui estou eu que já fui premiada num concurso pecuário». Logo vozes femininas dos 10 aos 104 anos: «Nós também». Há movimentos na sala, gritam os rapazes: «Acendam agora a luz, agora, agora». Alguém, grita: «Dê-m-lhe um tiro». Ouvem-se tiros; O Tarzan está quási devorado pelos minhocas.

Acendem-se as luzes, a confusão é indescritível, tudo se atropela para sair. Um polícia sobe ao palco e grita: «Sigam pela direita» — a confusão aumenta. Ha rapazes que trazem pernas de rapariga.

Por fim tudo sai, excepto Saturnino que ficou com Arturinho nos braços. Fifi já fugiu com um bombeiro.

A multidão cumpri-me-se e reclama «vingança!»

— A' mãe, a' mãe... — gritam todos ao vê-la por-se em fuga.

(Continua na pág. 11)



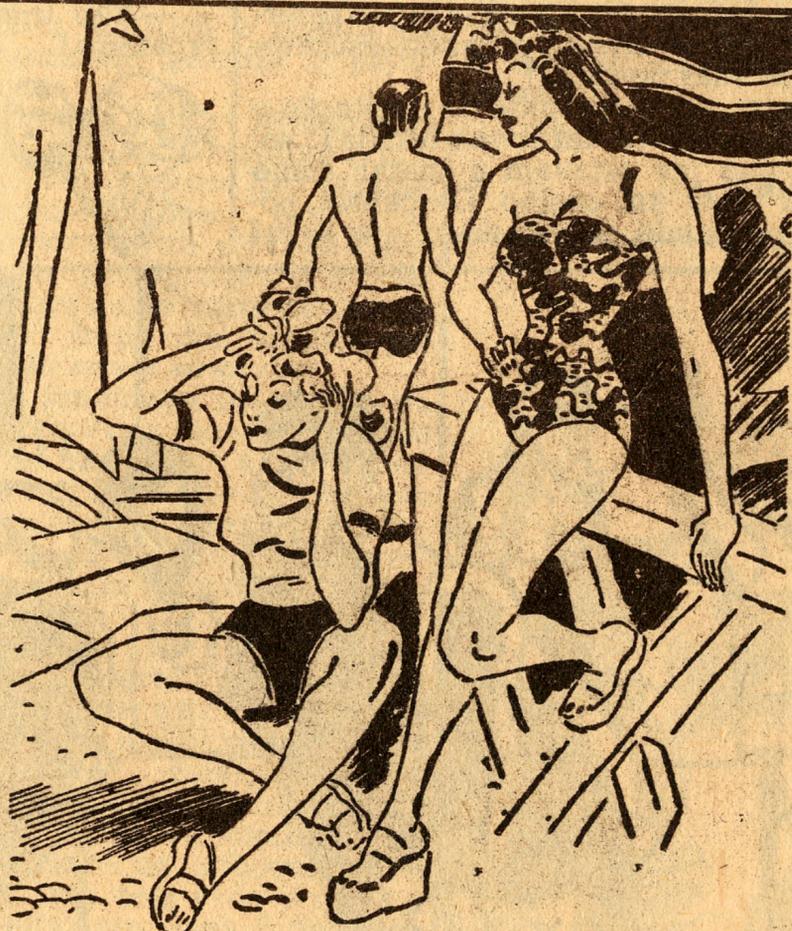
— Olhe, menina!... onde está o dono deste hotel?

— Como gosta muito de socego passa o verão na cidade.



O caçador: — E' servido?

O leão: — Obrigado, não preciso de aperitivos!



— Estcu indignada! Esse idiota deu-me um beijo e fugiu!

— Compreendo. Não tiveste tempo de devolvê-lo!...

INTERVALO

Por FERNANDO DOS SANTOS (SANTOS FERNANDO)

1

MEMÓRIAS DUM DETECTIVE



Recordo, nitidamente, o princípio da minha carreira. Era uma noite de trovões e o Barão de qualquer coisa tinha sido assassinado.

Peguei na minha lupa que estreei nessa altura (e que, conforme o ritual a molhei bem molhada) e fui para o palacete onde se dera a tragédia.

Quando lá cheguei o Inspector perguntou-me:

— Que lhe parece?

— Está morto — respondi.

«O rapaz tem queda para isto» — articularam junto de mim.

Mas, qualquer bacharel reformado ou boticário pacífico diria que o morto estava morto pois este apresentava a linda conta de 7 tiros no occipital, 1 punhalada nas costas e um profundo golpe no pescoço, motivado por estrangulamento com fio de aço. Contudo, quando se lhe fez a autópsia chegou-se à conclusão de que a vítima morrera de morte natural.

Com esse primeiro crime (eu nunca me acreditei na autópsia!) aprendi — 3 coisas fundamentais para a vida dum detective — não tocar nos cadáveres depois de mortos para que não me apontassem como o criminoso; a saber distinguir uma morte casual dum assassinio com metralhadora pesada; e, ainda a não tentar descobrir o assassino sem primeiro averiguar psicologicamente se o tio do primo do sogro do cunhado do avô do neto do assassinado usa luz fluorescente na casa de banho.

Ser detective não é ser engraxador ou varredor público; exige muito mais do bestunto dum indivíduo. Creio que já li esta frase em qualquer lista telefónica de cabine pública — lugar reservado para os escritores falidos escreverem as suas desditas!

Nessa primeira noite de cogitação e de mistério tive um sonho terrível: sonhei que me estavam a matar como quem mata um coelho. Descansei, porém, pensando para comigo, que se tal

me fizessem eu haveria de descobrir o meu assassino.

(segue no próximo número)

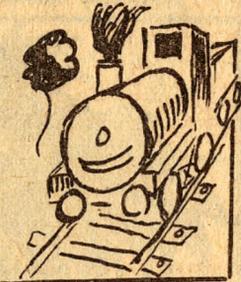


2

Conheço um fulano que é deveras inteligente. Ha dias saiu-se com esta:

— Há uma nação do mundo — embora poucas pessoas o saibam — onde se fala correctamente o francês!... Trata-se da França, cuja capital é Paris.

Quando eu lhe disse que já o sabia ficou muito escandalizado.



3

Certo inglês atravessa a linha dos caminhos de ferro ao mesmo tempo que faz as palavras cruzadas.

O comboio já se vê na curva, a poucos metros de distância. Alguem lhe grita:

— Fuja!... Olhe o comboio!...

O inglês, calmamente, desce um pouco o jornal, volta-se para o lado onde percebera a voz e exclama:

— Comboio?... Impossível, tem só 7 letras!



4

— O quê!?... dar-lhe a minha filha em casamento? Minha filha é uma joia rara...

— Não tem importância eu sou joalheiro!

* * *

— O quê!?... o senhor casar com a minha afilhada?... Ela não o merece... ela é...

— Não tem importancia... eu sou sapateiro!

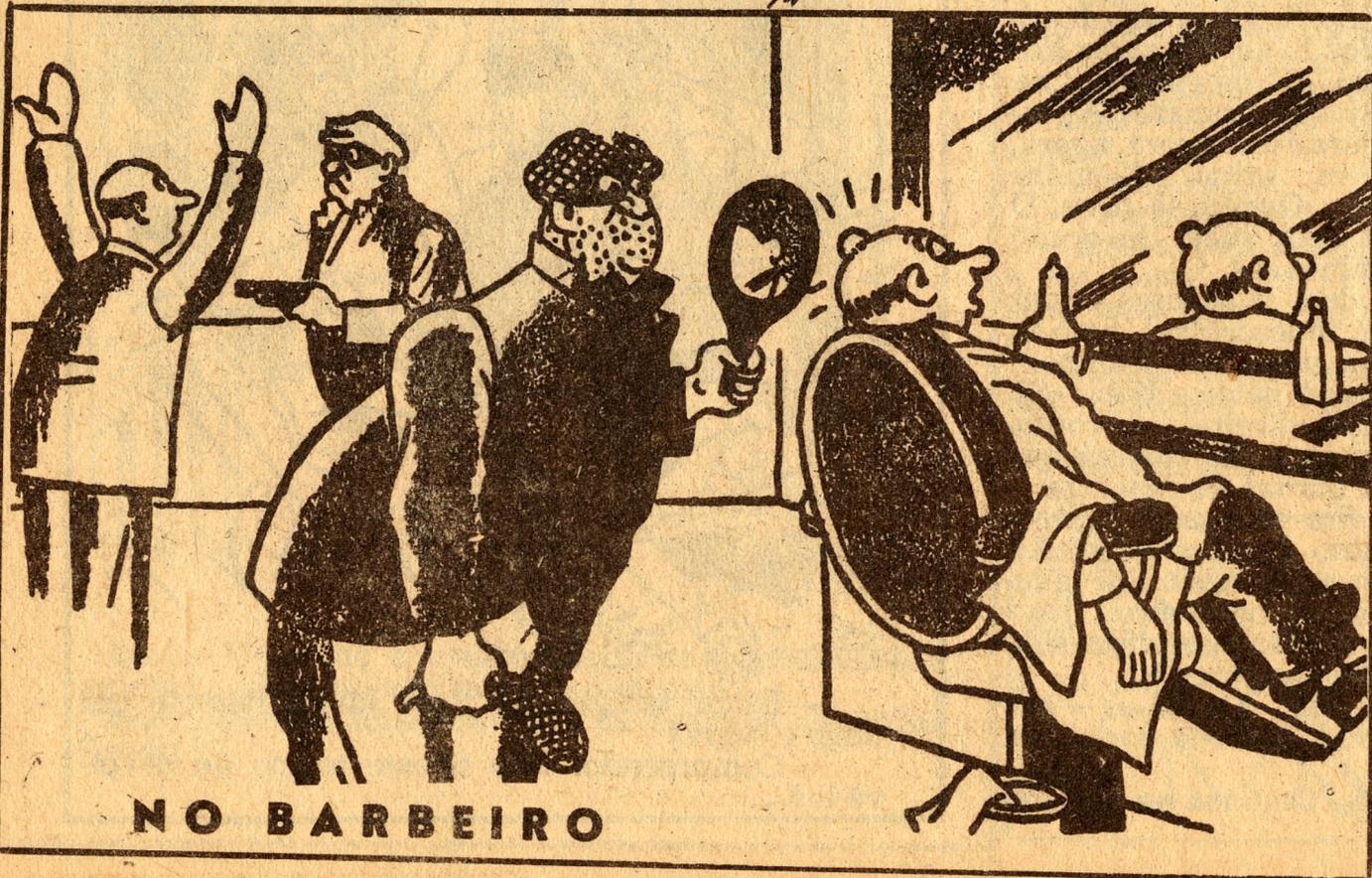


5

Um professor é um aluno que por mais burro que seja nunca fica reprovado.



MISS BELEZA 1947!



RISO MUNDIAL

Redacção e Administração: RUA DE SANTANA (A' LAPA), 15 — LISBOA * Composição e Impressão: EDIÇÕES «O MOSQUITO», LDT., Trav. de S. Pedro, 9 Telefone 25893 * Distribuidores: AGÊNCIA ARGOS Rua da Assunção, 42, 2.º Telefone 20925 — LISBOA

Toda a correspondência deve ser dirigida para a Rua de Santana (à Lapa), 15 — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Por absoluta falta de espaço, não publicamos hoje as quadras do nosso concurso, o que faremos no nº 20

O EMPREGADO DOS TELEGRAFOS

O senhor Lourenço, empregado dos telégrafos, encontra-se na rua com um amigo de ha longos anos.

— Caramba, homem! — disse o amigo do senhor Lourenço, saudando-o com efusão. — Onde tens estado depois da ultima vez que nos vimos?

O senhor Lourenço responde cadenciadamente:

— Obtive lugar telégrafos. Abraços. Lourenço.

— Parabens! E desde quando estás em Madrid? — continua o seu amigo.

— Cheguei comboio terça. Viagem feliz. Abraços. Lourenço.

— Que alegria ter-te entre nós! Como ficou a tua família?

— Papá livre de perigo. Abraços. Lourenço.

— Quanto a mim só te posso dar desgraças — suspira o amigo com tristeza. — Faleceu a minha pobre tia Graciela!

O empregado dos telégrafos abraça o seu amigo dizendo com voz verdadeiramente compungida:

— Recebe sinceros pesames irreparável perda tia. Acom-

panho tua dor. Abraços. Lourenço.

— Obrigado!... Também tive o meu filhito com sarampo. Graças a Deus já está completamente bem.

— Grande alegria produzem-me saber total restabelecimento. Abraços. Lourenço.

— Pensas ir passar alguns dias com teu pai?

— Impossível. Afazeres! — diz o empregado dos telégrafos desgostoso. — Assuntos urgentes prendem-me Lisboa. Boas Festas. Abraços. Lourenço.

— Espero que nos veremos antes de partires!

O empregado dos telégrafos apertou a mão de seu amigo e desculpou-se.

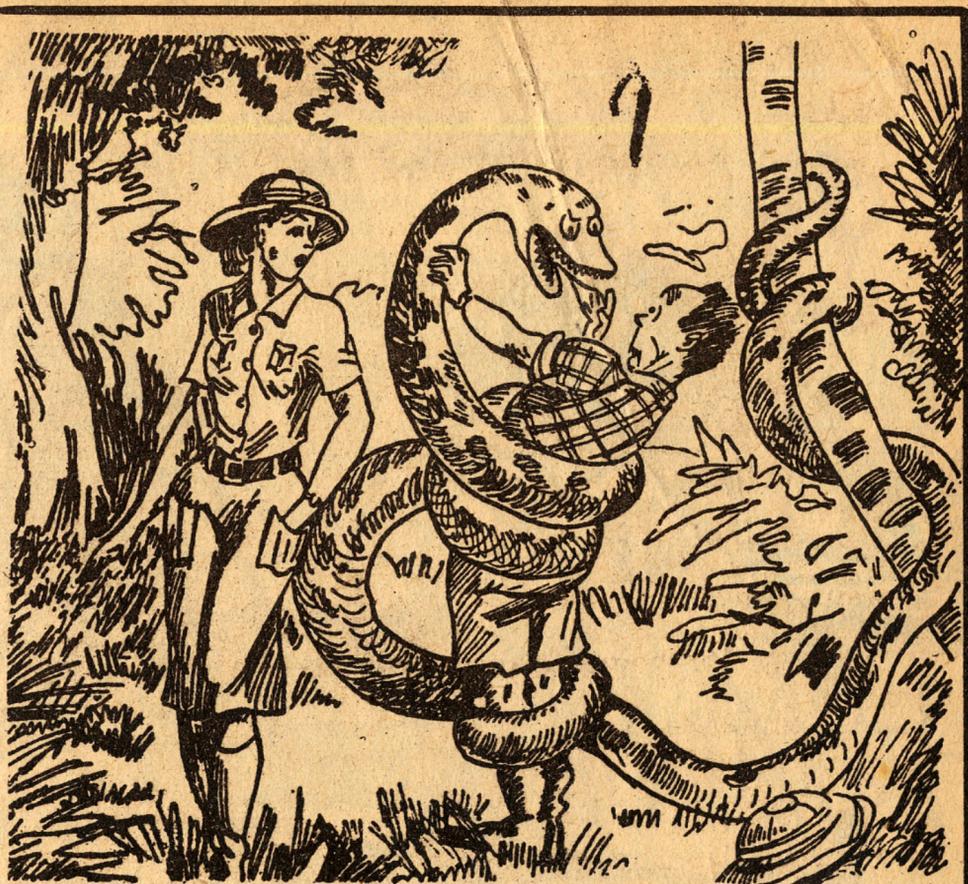
— Assunto imprevisto obriga-me sair precipitadamente. Enviarei notícias. Abraços. Lourenço.

— Não te preocupes, homem. Telefonar-te-ei. Até à vista,

— Abraços. Lourenço — diz o empregado dos telégrafos.

E afasta-se de seu amigo para se dirigir às suas ocupações.

Tradução e adaptação de:
«CODORNIZ»



— Não, querido! A pele de serpente já não se usa. Agora está em moda a de crocodilo!

Filosofia bombástica

A maninhez do pensamento maquiavélico provoca o atrofiamento mansueto e estagnado da massa encefálica. O homem, desde a idade da pedra de afiar, tem espargido pelos semelhantes a onda magnética e volatizadora da ideia.

Dessa propensão para o estilo grandílico e laudatório nasceu a filosofia bombástica que determina o fenómeno verborroico, embora de caracter sofisticado e preche da gratuidade garrula e pletórica.

Em boa hora, o pensamento tem por início insofismável a faísca promotora da contaminação ideológica, mas o intemperamento pútrido das ideias retrógradas e marasmódicas não consegue espantar o pó dos séculos *per omnia secula seculorum*.

O fenómeno mantenido da controvérsia consegue muitas vezes manietar a propulsão da ideia criadora mas, em contra-partida, serve de trampolim para o progresso investigador da versatilidade renovadora.

Embora se avenge que a pensar morreu um burro, o filósofo inconcusso não sucumbe à ideia criadora e vai friamente escarpelizando o corpo imundo da matéria e volatilizando o espírito concumitante do subconsciente.

A luta tem sido árdua e aguilhoante, mas é dela que nasce a panícula multicolor das flores de retórica.

Não é só pela palavra, quantas vezes esmaecida, que o

pensamento se torna numa insofismável concretização. Há que resarcir a nefasta influencia da ideia rasteira e demolidora.

Para isso, torna-se necessária uma exposição diáfana e segura que concretise a ideia criadora, sem poternas traiçoeiras ou alcapões camuflados.

Pensemos, pois, enquanto as massas ululam numa bestial confusão. Pensar ainda é a melhor maneira de estar calado.

Tenho dito.

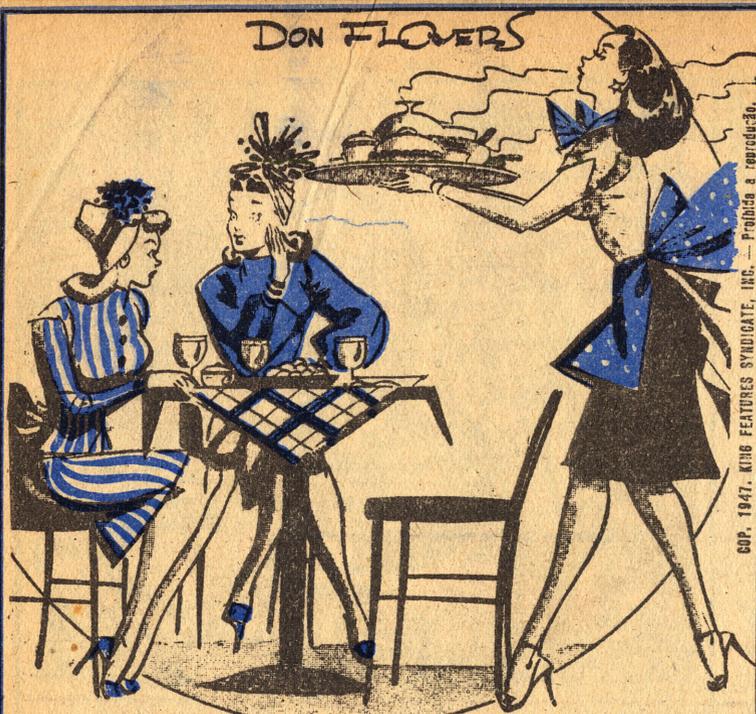
Dr. Guedelhudo



— Agora, vamos abrir o gás para dar a impressão de que foi suicidio!



Quando um soldado é campeão de «golf»!



DON FLOWERS

GP. 1947. KING FEATURES SYNDICATE, INC. — Proibida a reprodução.

Ao leitor que nos enviar a melhor legenda para esta gravura, «Riso Mundial» oferece uma assinatura por 6 meses

Quem mal fala... sua boca suja...

AGAPITO era sem dúvidas um doente da bola, mas no fundo um sortilhão. Quisera ser locutor desportivo. Todos os dias tomava gargarejos de água... pé de raiz do vizinho e falava pelos cotovelos à sogra, para se habituar às reações violentas muito comuns no desporto.

Ora, certo dia, para conveniência da nossa história, encontrou-se nomeado locutor da mais famosa emissora estrangeira: «Oka, Cupró by Ar», para relatar o desafio mais estupendo da temporada: Arre Bentas Desporting Club — Benfique Very Much Club.

Agapito preparou-se, enfeitou-se e... perfumou-se! E vai o ingrato sair sozinho sem convidar a Esposa, (eu poderia dizer mais uma vez que isto era para conveniência da história, mas agora não é por conveniência do próprio Agapito pois ele sabia muito bem que ao fazer o convite, este era automaticamente para a esposa e sogra e indo esta nem o microfone nem a sua cara estavam garantidos).

por ORIFANES

Ao despedir-se Agapito recomendou vaidoso à mulher: — Abre-me bem essa telefonia para ouvires a minha palavra, e adeus! Vi-dancias ficou apanhada pegou no telefone e... chamou depois sentou-se junto à telefonia esperando.

No estádio Agapito era um herói:

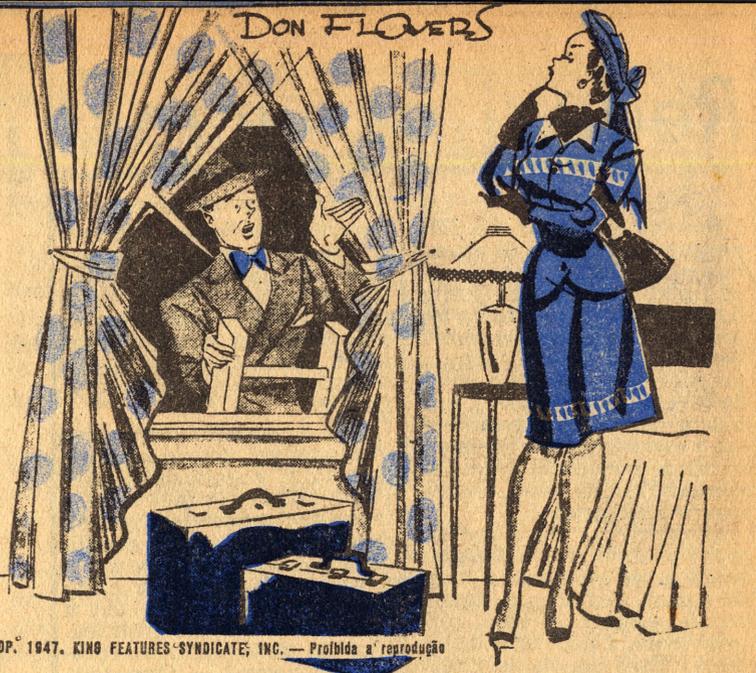
Falava, cuspiu, tossia e, palavra, até chiava! Era o fim do mundo; o seu Benfique ganhava.

E os milhões de ouvintes espec-tantes sabiam pela boca do Agapito todo o desenrolar da luta.

Entretanto o Diabo estava a tece-las! E eis que com pontapé daqui, mão dacolá e bofetada a intermediar, o Arre-bentas espirrou. Não ha tempo sequer para lançar o «salve-se quem puder» nas fileiras benfiquistas. Aga-pito cantava ainda ao microfone a sua laracha favorita: «Benfique é very good». Então ao dar pelo desastre vo-cifera toda a série de penaltes, can-tos, livres, na missão de cumprir o dever mas de coração despedaçado.

Em casa, a esposa — a sua Violan-cias — arrepiava-se só de ouvi-lo, mas o Zézinho Caixeiro estava ali para en-tretê-la.

Agapito no ecran sonoro (!!!) bra-mava desalentado: E' incrível mais um «corner»!



DON FLOWERS

GP. 1947. KING FEATURES SYNDICATE, INC. — Proibida a reprodução

— Então, filha!... Ha 5 dias que estou à espera que ponhas o baton!

IRÓNICAS RISADINHAS...

Uma mulher pode, com o riso nos lábios; fazer crer que vive rodeada duma felicidade completa, tendo a morte no coração.

Ha duas coisas que a mulher de- testa contar: a sua idade, e o nome dos seus antigos amores.

Muitas vezes a mulher desafia os maiores perigos, nas asas do seu amor; e, no entanto grita sempre quando avista um rato.

Toda a mulher de 16 anos dese- jaria casar-se; toda a mulher ca- sada desejaria ter 16 anos.

Não concordo com a moda das saias compridas, pois receio apa-ixonar-me futuramente por uma mu- lher que tenha varizes nas pernas.

EXCLUSIVO
DESENHOS
de
RISO



RIGOROSO
DÓN
FLOWERS
MUNDIAL

Um achadado precioso na idade da pedra lascada



— Olha, filha, cada livro destes contém uma desenvolvida biogra- fia de cada um dos rapazes cá da cidade, que já passaram por meus noivos.

RISADINHAS IRÓNICAS...

Seis mulheres podem falar todas ao mesmo tempo, e entenderem-se; dois homens, em muitos casos, fa- lam cada um por sua vez, e não se entendem.

fazer padecer um homem pela sua mais leve falta.

Uma mulher de olhos bonitos, nunca joga à «cabra-cega».

Nunca vi um casamento, em que a noiva fosse jovem, bonita, ele- gante, rica, etc., e o noivo fosse não jovem, não bonito, não elegante, não rico, não etecetra.

Desconfiai das mulheres de mau hábito. Elas têm sempre «um pas- sado»...

A reacção normal das mulheres modernas quando um homem as beija, é esta: de um grupo de três, duas ficam imperturbáveis, e só uma é que cora envergonhada... Tal como o bilhar.

A mulher possui a virtude de um anjo para perdoar as maiores ofen- sas, e a malícia de um demónio para

P.

A MENTIRA

Por LUÍS ANTÓN DEL OLMET

Ontem decidi nunca mais men- tir. Acordei muito cedo. Na rua esbarrei com um amigo.

— Molestei-te?
— Bastante.
— E's muito amável.

Pouco depois aproximou-se um mendigo.

— Uma esmolinha, pelo amor de Deus.

— Não quero dar. Poderia dizer-lhe que não tinha trocado mas isso seria mentir!

Por fim vejo-me na repartição e ante um conflito enorme.

— Resolvi favoravelmente aquela questão de que falamos. Que lhe parece?

A pergunta não pode ser mais ter- minante. E é o meu chefe quem exige resposta. Como decidi não mentir e ser franco exclamo:

— Parece-me muito mal. Eu teria resolvido em contrário!

O chefe tira os óculos.
— Que diz o senhor?... Está malu- co!... você é um insolente.

— Parece um macaco fantasiado! Depois, é um sedutor que conta as suas conquistas.

Interrompendo-o exclamo:
— Tudo isso é ridículo. Você não conquistou nem a sua porteira.

E, não é preciso demonstrar como aquela repartição, onde tão bons ami- gos tive se transformou em cova de adversários.

Saio, volto a minha casa e almoço. Perguntam-me se gostei da comida.

— Achei-a simplesmente horrível.
— Dá o fora quando quizeres, gros- seirão!

No carro um cavalheiro pisa-me os calos. Antigamente responderia ao seu «queira desculpar» com um «de nada». Mas, como sou um homem franco, re- plico:

— Para que tem os olhos na cara? Então, o parceiro por sua conta, diz-me uma dúzia de desaforos.

Entro na Livraria. Um autor amigo aproximou-se e faz-me uma pergunta insolente:

— Que tal achou o meu último romance?

— Uma autêntica imbecilida- de como as de seu pai...

E o escritor pôs-se muito sério e exclamou com indignação sin- cera:

— Desde já fique sabendo que lhe vou mandar os meus padrinhos. E' duelo de morte. A' pistola!

Vou a um «café» e disponho-me a escrever duas cartas para comuns ami- gos que me hão-de servir de padrinhos. O empregdo pergunta, solicito:

— Café?
— Quer dizer... chicória!

Trazem-me veneno e material para escrever. Mas, ao iniciar a primeira li- nha, detenho-me. Permitiria a minha sinceridade uma carta de fórmula em- busteira e, como todas, cheia de hipoc- risia? E escrevo: «Senhor alheio a qualquer consideração e» respeito: Pouco entenderá destas questões que...»

E termino nestes termos: «Agradeça- me esta escolha, porque assim verá o o seu nome nos jornais. Toca-lhe a mão o seu conhecido, que não o grama».

Depois vou a casa de minha noiva.

— Amas-me?
— Um pouco?

(Continua na pág. 11)



— Sabe, eu queria uma coisinha melhor!... ai para 50 contos!

Reduzi os vícios!

Resolvi empregar-me. Não porque desgostasse de estar à boa vida, mas o caso é que não podia manter-me assim. Estou numa firma muito importante onde ganho muito bem: 600\$10. E' um bom emprego, é! Sei que estão cheios de inveja, caros leitores, mas façam como eu: Massacrem-se a estudar coisas, tirem um curso de advocacia, letras ou similar e tereis, assim, o vosso futuro assegurado!

Dinheiro!... Para que nos serve o dinheiro senão para manter vícios, como o vício de comer, de beber, de fumar ou de vestir? A vida, propriamente, é uma série de hábitos: Está em moda andar em cabelo; mas se fosse hábito andar toda a gente de chapéu na cabeça, Deus me livre de ter que dar dois mil escudos por um chapéu de palha, que é quanto custa um «tapa-parvos» exposto numa montra da Rua Garrett. Teria, neste caso, de pôr o fato, os sapatos e o pouco mais que possuo «no prego», para poder andar de chapéu na cabeça! Se eu não tivesse reduzido o vício de comer é claro que o meu ordenado era insuficiente para praticar os ou-

tros vícios de fumar e de vestir. Sacrifico um para manter dois, de maneira que ainda fico a ganhar! Além disso também não deixei de beber, pois a água do contador ainda não é assim tão cara! Não ha duvida de que sou um homem viciado!

Afinal, só acho uma coisa incompatível com o meu ordenado: E' a renda do quarto: Pago 350\$00 por mês e é por favor... Atendendo a isso eu dou sempre uma boa gratificação. (Confidencialmente, a dona do quarto é ainda muito nova...). Quando lhe dei o tostão habitual, de gratificação, ela disse-me muito reconhecidamente: — Obrigado, cavalheiro! Um tostão não é muito, mas (puxou dum lápis e papel para fazer contas) se me tivessem dado sempre um tostão por mês desde que alugo quarto dava a linda quantia de 60\$00 e com esse dinheiro já podia comprar «baton» e outras drogas indispensáveis à mulher bonita.

Vícios!... Ah, a vida está cheia de vícios!

ANTÓNIO AMARO AMARAL
(meu nome de batismo)



? Segredo 8 DIAS

Esta aconteceu...

Um «tipo» muito utilizado entrou certa noite num carro electrico fechado. Ficou encostado à entrada da porta da plataforma trazeira, um pouco encadeado com as luzes, a piscar os olhos, naquela meditação própria dos bebedos.

O condutor deu-lhe o bilhete, deu-lhe o troco e seguiu adiante, enquanto ele fiava, sempre encostado, a contar a demasia. Mas ou fosse porque via as moedas em duplicado na palma da mão ou por qualquer outra razão, voltou-se para dentro e gritou ao condutor, que já ia no outro extremo do carro:

— Eh! Seu palerma!...

Os passageiros, ao ouvirem isto voltaram-se todos para trás, mas o bebedo, calmamente e de dedo espetado à frente do nariz, disse apenas:

— Eu só chamei um...

A Caricatura da Semana



Vasco Santana numa interpretação do caricaturista Mário Norton

Recurso exclusivo do RISO MUNDIAL

Reprodução proibida



— Tenha piedade!... dê-me trinta paus para salvar a vida dum inocente!

— Mas você não tem cara de inocente!

— Não é a minha vida que corre perigo... é a sua!

Aí vai a resposta

Fernando Simões — Todas as noites nos encontramos na Redacção, Rua de Sant'Ana à Lapa, 15, cave... Venha até cá para se falar àcerca do que lhe interessa!

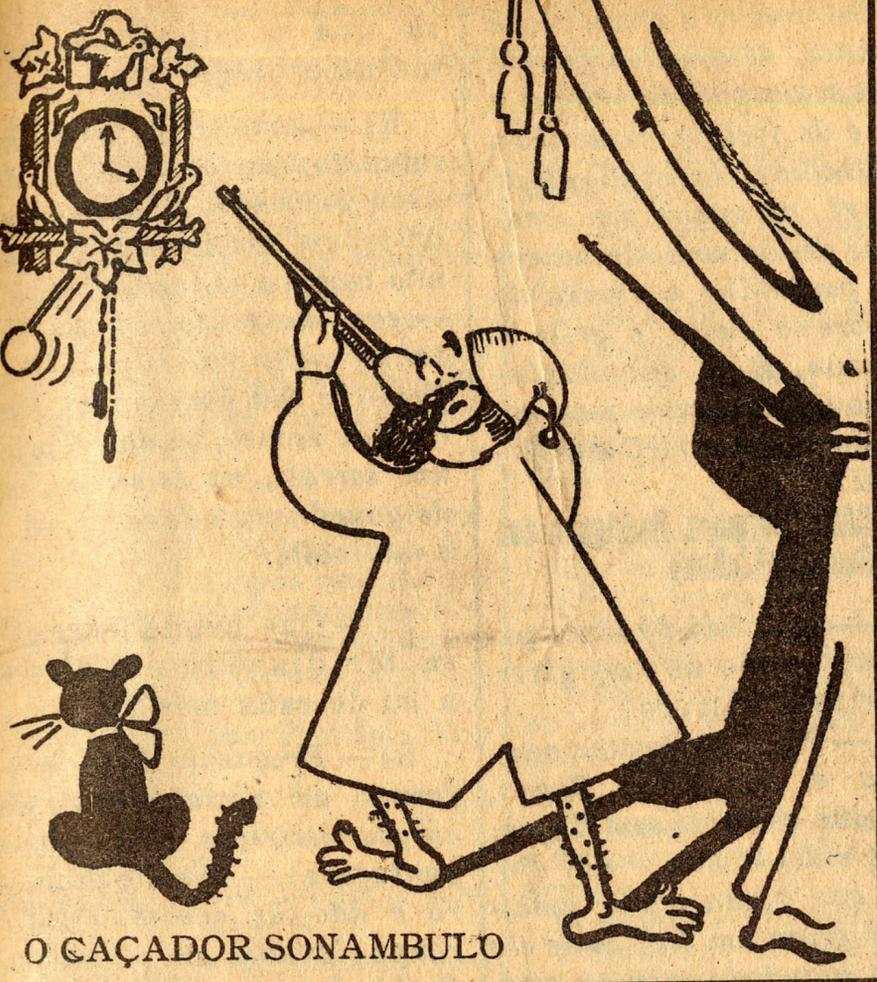
Jorge Pinto Santos — «Coisas da vida» é uma anedota sem piada. Já a lemos ao almoço, ao jantar, à ceia, — no fim do mês, no momento do nosso administrador entrar com as massas e olhe que nem assim nos conseguiu fazer rir. Mas não desanime porque já temos escrito muitas coisas nessas condições...

Eduardo Ferreira — Mas o senhor já alguma vez viu uma quadra humorística, ou sem ser humorística, ao pé de si?! O nosso concurso só admite quadras humorísticas que sejam feitas em verso,

compreende!... Agora quadras em prosa — anedotas! — é que nunca vimos. Aqui vai uma quadra para lhe servir de bitola:

A tua cara, Maria, é branca como carvão! Aí, que a tua porcaria não sai já, nem com sabão!

Ronio Lys (Coimbra) — O seu original é publicável embora o meu amigo enferme do terrível mal de nos enviar um «continho» em 400 folhas de papel almaço. Creio que é a décima milionésima vez que digo isto: toda a gente, menor, maior ou emancipada pode colaborar no «Riso». Para isso basta que tenha graça, que saiba escrever sem erros e que para dizer que a Micas tem os olhos tortos não necessite de gastar uma fábrica de papel!



O CAÇADOR SONAMBULO

faltava um mês

Por AMÉRICO JOSÉ GIRIO

Casou com Ana Valente,
Esposa muito obediente,
Policarpo Fateixa.
Em tudo que ele quisesse,
O obedece a mulher
Que humilde nunca se queixa.

Ora um dia sucedeu,
Isto por graça do céu
Ou por graça do esposo,
Que Ana tão elegante
Tornou-se mais interessante
Num estado muito curioso...

E assim, viviam felizes
Na esperança de dois petizes,
Porque (que coisa espantosa!)
Quem pela Ana passava,
Fitando-a logo a notava
Cada vez mais curiosa!...

A' noitinha seroavam;
Muito em silêncio pensavam,
Enquanto a Ana cosia,
O pai sonhava o bebé,
A's vezes pensava até
Nás cartas da mercearia

Certo dia, ensonado
O Fateixa já deitado,
Fitou o interruptor,
Bem contra a sua vontade,
Pedi à cara metade:
Queres dar à luz, por favor!

Mas, numa grande aflicção,
Respondeu-lhe a Ana: não!
Pois pela primeira vez
Se te quero obedecer,
Dar à luz não pode ser!
Deixa passar mais um mês.



CONCERTO PARA DOIS,
...e desconcerto para um.

Ronald Searle



SECÇÃO DE CONSULTA

MANDE-NOS O SEU PÉ...

...E NÓS RESOLVEMOS TODOS OS SEUS PROBLEMAS!

Caros leitores e caríssimas leitoras:

Esta secção foi recebida com uma estrondosa manifestação «escrivística», que manifestou no carteiro, um manifesto descontentamento, pelo grande volume de cartas manifestadas. Depois de todas essas manifestações que agradeço, vou manifestar os meus doutos conselhos.

1) — BINTCHETE (Lisboa).

P) — «Vejo uma «garota», siga-a, digo-lhe algumas frases tão de mansinho, tão meigas e ela de repente volta-se e diz-me: «E' parvinho, não é?!». Terei eu pés de parvo?»

R) — De parvo, não digo, mas de senhora... cá vou indo. Veja lá se corta as unhas e deixa de fazer tatuagens no peito do pé! Sobre as «garotas», o melhor sistema a empregar é este: Quan-

do avistar «uma» que lhe faça estremecer a alma, cuspa nas mãos, dê duas vezes com a cabeça na parede, rasgue o fato, e de joelhos cante-lhe a «Balalaika». Se ela não olhar para si, arranque um candieiro, dê-lhe com ele na cabeça. ponha-lhe a planta do pé sobre o peito e grite à «Tarzan». E... quando chegar ao Manicómio, escreva-me, que SARAMAGO ACONSELHA!

2) — César Germano Rodrigues dos Santos (Lisboa)

P) — Que hei-de fazer para que a mãe de «my girl», autorize o namoro?

R) — Na sua frente, componha o Elogio da Sogra. Diga-lhe que vida sem Sogra, não é vida, é So... da! Depois, qua a sua maior ambição, é criar um lar, onde ela possa mandar, ordenar e bater! E por fim, diga-lhe que... vende a prestações, sem fiador e sem cobrador (rima, mas tem afinidade!)

P) — Que hei-de fazer para que a minha pequena me dê o braço?

R) — Acho exageradamente estúpido, querer o braço da «sua pequena», E' para guardá-lo em conserva? Porque não compra antes azeitonas!? — era mais lógico! No entanto, aqui vai o conselho: Peço-lhe com bons modos. Em caso de recusa, vá de comprar um serrote, vá de serrar, vá de guardar, vá de cavar, vá... e não volte!

P) — Que hei-de fazer para ter dinheiro nos dias 6 a 30 de cada mês?

R) — Frequente a plantaforma da rectaguarda dos carros-electricos. Tem duas vantagens: — dão-lhe dinheiro e dão-lhe «cama, mesa e roupa lavada na... cadeia. Se lá chegar, escreva-me que SARAMAGO ACONSELHA!

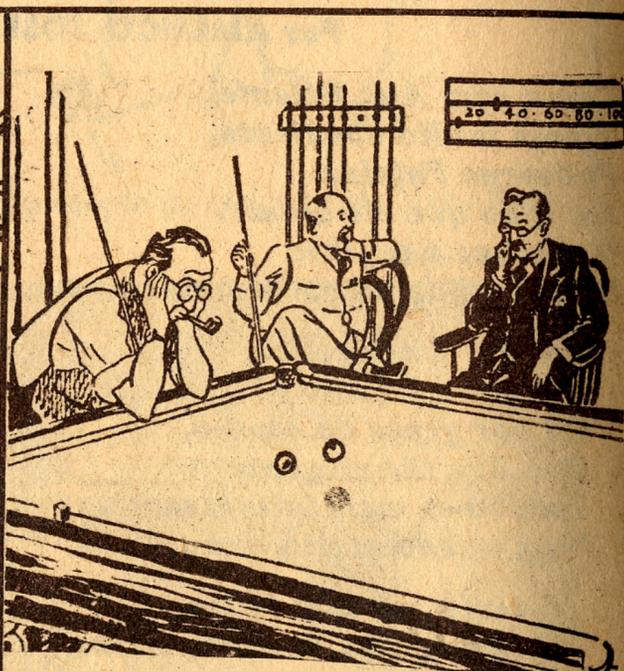
SARAMAGO



Ele não tinha chapéu



— Agora, minhas senhoras, façam favor de sorrir!



— Este homem, faz-me perder a paciência!

— E' que ele, dantes, era campeão de xadrez!

PENSAMENTOS

— DO — POLICARPO

Acabodelêr, que os homens de ciência predizem que em breve teremos manteiga feita de carvão.

O processo é simples; o carvão converte-se em coque, o coque em gaz, o gaz em parafina, a parafina em matérias gordas, estas são refinadas e transformam-se em manteiga.

Como veem, muito simples. Mas agora pergunto eu... Saberão estes homens de ciência que existem vacas?

Há já muitas semanas que passo as noites em claro preocupado com qualquer coisa que me está fazendo mal. Ontem, cheguei finalmente a uma conclusão: o que me faz mal é não dormir o suficiente.

Não sei se conhecem o caso daquele cirurgião, que guardava os apêndices, para os vender a um editor de enciclopédias.

Tenho em casa um relógio de cúco. Há tempos caiu no chão e escangalhou-se. Como sou muito habilidoso, arran-

jei-o. Não ficou lá muito bom, porque no dia seguinte o pas-sarito safu do seu buraco e disse-me:

— Eh, palerma! Que horas são isto?...

Francamente, não sei o que faria — minha mulher sem mim... Verdade seja que ela nunca me deu ocasião para o verificar.

E' provavel que o dinheiro não faça a felicidade de ninguém... mas também não a afugenta.

Conheci um tipo chamado Bernardino Dino Saramago Mago. O pai dele era gago.

Andava sempre de automóvel.

Um dia alguém lhe perguntou porque é que Deus lhe tinha dado duas pernas:

— Uma para a embraiagem e outra para o acelerador...

O homem é o único ser capaz de utilizar o dom da palavra para meter-se em sarilhos que de outra forma não existiriam.

ASSINE TRISO MUNDIAL

BREVEMENTE ?

ALGUMAS ANEDOTAS

Recomendadas por **ARTUR OLIVEIRA**

...o célebre **PESCADINHA**

— Oh, como poderei demonstrar-lhe a minha gratidão? pergunta uma senhora a certo advogado que lhe havia resolvido um problema conjugal.

— Minha senhora — responde o arguto advogado — desde que os fenícios inventaram a moeda, a sua pergunta tem a melhor das respostas!

O nosso amigo Anastácio entra na redacção radiante. Notando essa alegria que não era habitual o chefe pergunta-lhe:

— Você hoje está satisfeito, homem! Saiu-lhe a sorte grande ou quê?

— Não, senhor Procópio! Vou ser pai!!!

— Sério?! Então parabens, homem!!!

— Obrigado!

— E... a sua mulher já sabe?

Um garoto aproxima-se duma senhora e pergunta:

— A senhora perdeu alguma nota de vinte escudos?

A dama olha o garoto e depois de apalpar os bolsos responde:

— Perdi, perdi! Você achou-os?

— Não — respondeu o garoto — estava só vendo quantas pessoas perderam aqui vinte escudos e com a senhora são já 39!!!

Uma jovem e formosa senhora chora convulsivamente junto dum cavalheiro das suas relações:

— Não calcula, Alfredo, como sofro! Toda a minha família diz

que eu sou doida só porque eu adoro pão de ló!

— Mas isso é palermice! Afinal eu também gosto de pão de ló e...

— Verdade que gosta?!!!

— Bastante!

— Então qualquer dia vá lá a casa porque eu tenho escondidas sete malas cheinhas de pão de ló...

Um taxi dasce a Avenida em louca velocidade quando o sinalheiro o fez parar.

— Eu vinha muito depressa? — pergunta o motorista.

— Não, — responde o sinalheiro — você vinha era voando muito baixinho!

O doente: — Dr. tem mesmo a certeza que eu tenho uma pneumonia?

O doutor: — Porquê?

O doente: — E' que às vezes os médicos dizem que os doentes tem uma pneumonia e eles morrem de outra coisa...

O doutor: — Descance; Se eu afirmar que você tem uma pneumonia é disso mesmo que você morre!

ENTRE DOIDOS

1.º doido: — (acendendo e apagando uma lanterna portátil) Tu és capaz de andar por cima da luz sem caíres?

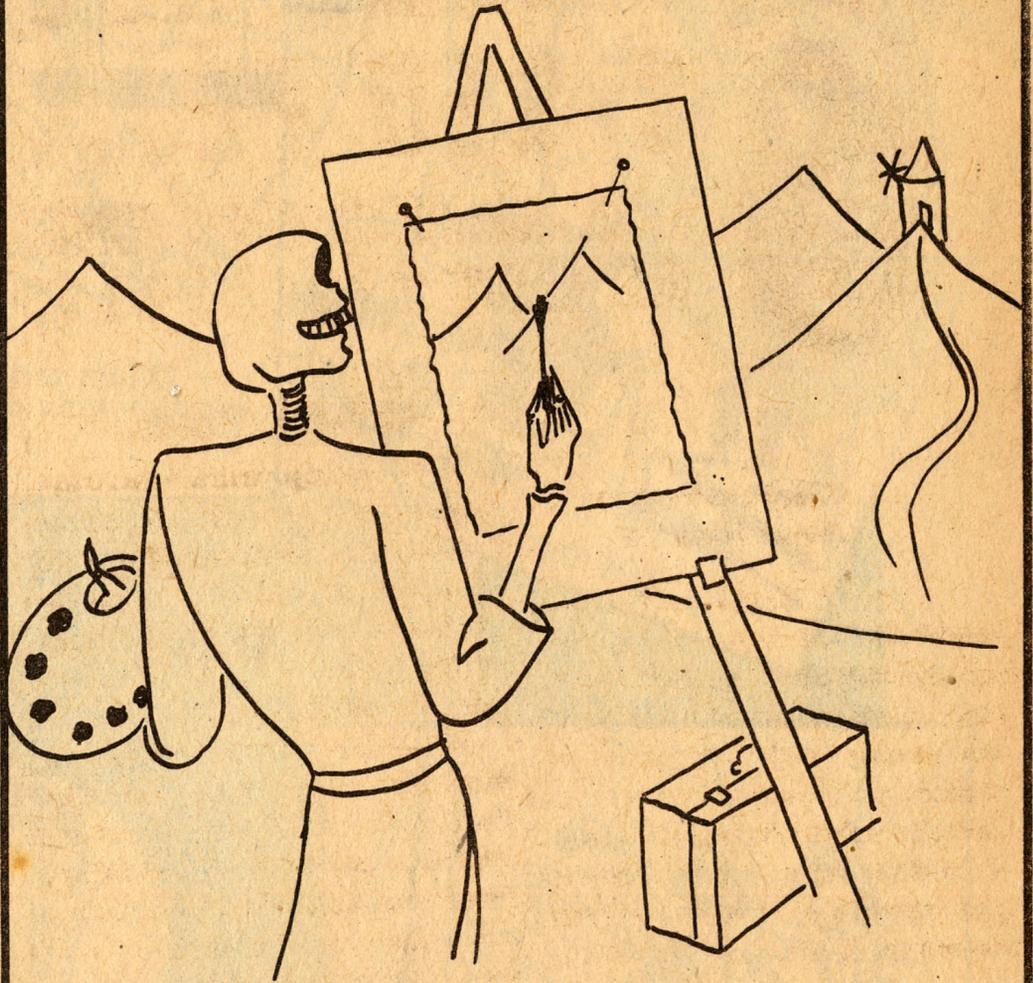
2.º doido: — (com importância): E' claro que sou!

1.º doido: — (Virando o facho da luz para o teto): Sobes lá!

2.º doido: — Isso querias tu para quando eu chegasse ao meio apagues a luz e eu cair!!!

ESQUELETOS NO AR

ESQUELETO X



— Que rica paisagem

— Quem é?

1.º Prémio: 1.000\$00 2.º Prémio: 750\$00

3.º Prémio: 500\$00

Brevemente mais sensacionais prémios
Brevemente: **CADERNETAS A' VENDA**

COP. 1947. KING FEATURES SYNDICATE, INC. — Prohibida a reprodução



— Esta freguesa traz sempre o comer de casa e a despesa é apenas um copo de três...

TRAGEDIA FAMILIAR A MENTIRA

(Continuação da pág. 8)

(Continuação da pág. central)

Ninguém pode deter a multidão enfurecida. E, à noite, numa barraca da Feira Popular, vendiam-se croquetes de carne de vaca, feitos com os presuntos da Fifi.

Saturnino morreu de desgosto e o Arturinho foi para o orfanato do Sôr Prior.

SENNA

A CAPA DESTA NÚMERO, FOI DESENHADA EM EXCLUSIVO PARA «RISO MUNDIAL», PELO CONHECIDO DESENHADOR SENNA, CUJO TALENTO ARTISTICO É JÁ BASTANTE CONHECIDO, E QUE ENFILEIRA CONNOSCO NAS HOSTES DO «RISO».

— Só um pouco?

— Só. Tens alguns defeitos incorrigíveis. Saio de relações cortadas com a família inteira. A' noite vou ao teatro e como não gosto da peça bato os pés. Acabo na esquadra.

E, quando finalmente me soltam e chego a casa, ponho-me a meditar e exclamo convencido:

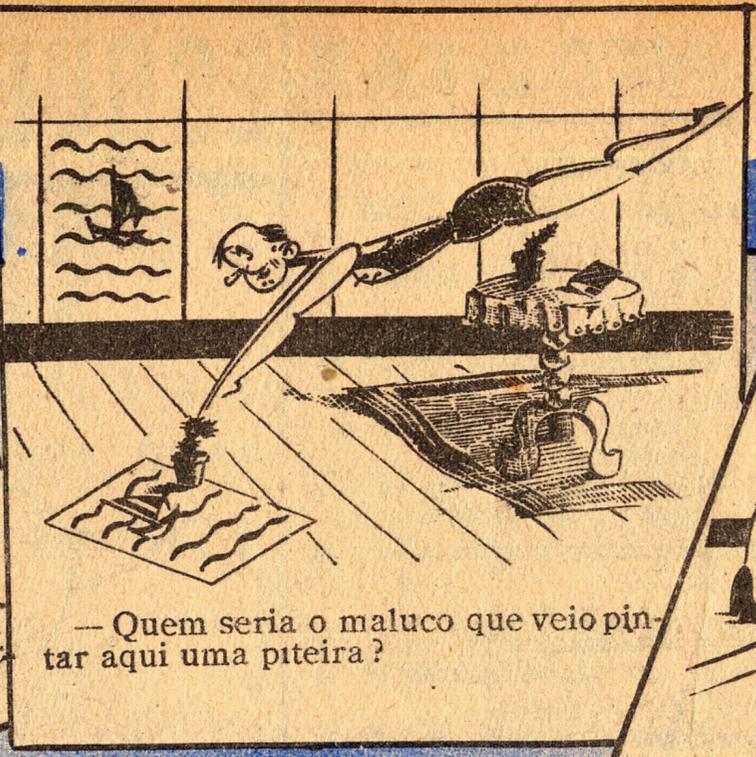
— E' preciso mentir. Talvez que a existência não seja outra coisa senão uma humilde e piedosa mentira.

(dos mais belos contos humorísticos, satíricos e jocosos)

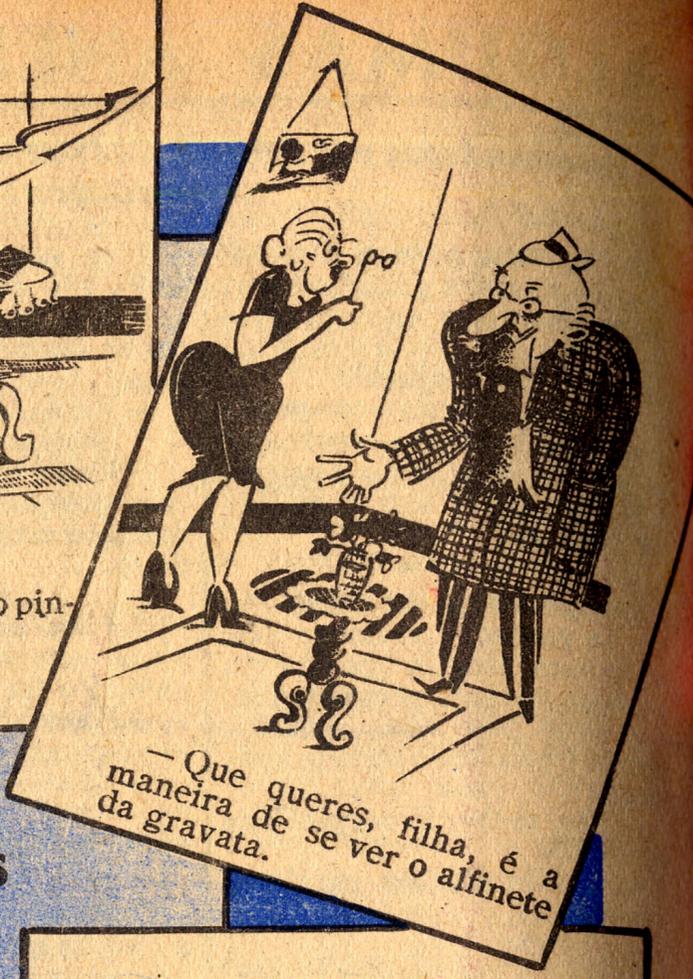
Director (interino) e Proprietário: JERÓNIMO PINTEUS DE SOUSA
Editor (interino): J. A. ROUSSADO PINTO
Redactor principal: FERNANDO DOS SANTOS (S. F.)



Um espelho ideal...



— Quem seria o maluco que veio pintar aqui uma piteira?



— Que queres, filha, é a maneira de se ver o alfinete da gravata.

OS NOSSOS DESENHADORES

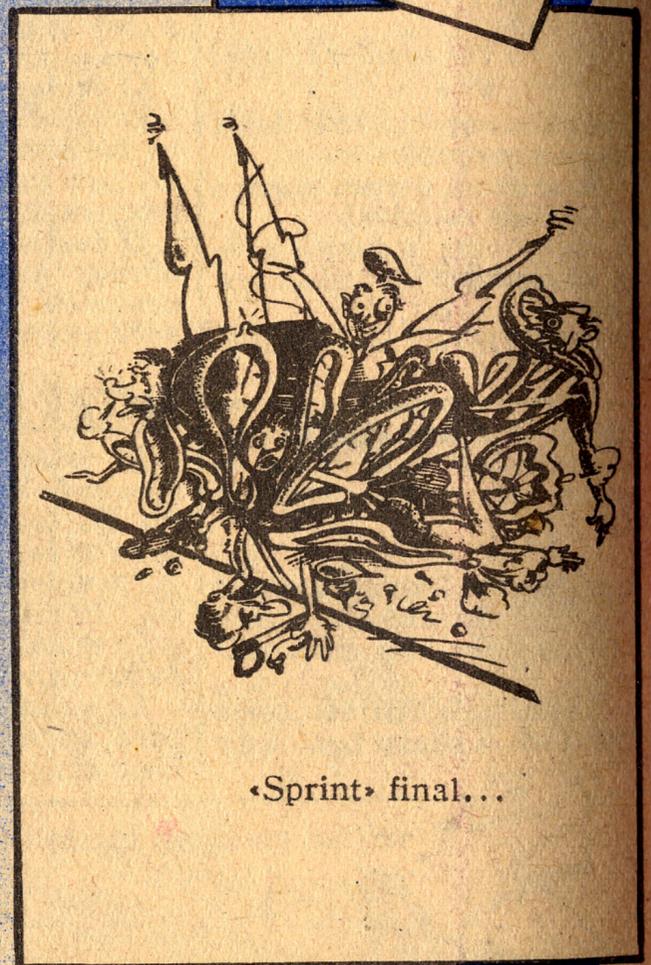


— Ouve cá, não te enganaste no chapéu?
— Deixa-me cá, a minha mulher esqueceu-se ontem de tirar do pé dele, uma lente que eu tenho, de diminuir!...



HELENO

Exclusivo rigoroso de «RISO MUNDIAL»



«Sprint» final...



— Já te disse para pões o boné como deve ser!
— Mas, ó mãzinha, o boné está bem posto, eu é que estou ao contrário!



O ladrão: — Não acreditem no Heleno... O «homem» nunca sonha com ladrões e além disso, eu não uso pistola, nem sequer sou canhoto!



— Então a tua irmã?
— A minha irmã já casou.
— Já?!...